

PRÁTICAS EDUCATIVAS A PARTIR DA EDUCAÇÃO POPULAR: O PAPEL DO CEPA NO ENFRENTAMENTO DA EXCLUSÃO SOCIAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Elifalety Silva Maciel Nascimento¹
Gabriel Bernardino Vitorino²
Ykaro José Andrade Silva³
Manuel Bandeira dos Santos Neto⁴

RESUMO

Este artigo resulta de uma pesquisa realizada para o componente curricular Pesquisa e Prática Pedagógica III, do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco – Centro Acadêmico do Agreste. O mesmo, objetiva identificar os princípios pedagógicos da educação popular utilizados no Centro de Educação Popular Assunção – CEPA em seus projetos e elencar as suas práticas educativas. O CEPA é um espaço que acolhe e atua no enfrentamento da exclusão social de crianças, adolescente e jovens na cidade de Caruaru - PE. Para o desenvolvimento desta pesquisa tomamos como aportes teóricos Paludo (2015), Gadotti, (2012) e Freire (1967) para refletirmos sobre as concepções da educação popular. Ancoramos as discussões de práticas educativas a partir de Libânio (2003) e Streck (2006). Dessa forma, utilizamos método de caso alargado com a entrevista semiestruturada, via análise temática e/ou categorial. Os resultados nos mostram que uma aproximação de realidades sociais e comunitárias de crianças e adolescentes com políticas públicas suplementares de dignidade, respeito e ética ao desenvolvimento psicossocial, intelectual e humano de indivíduos considerados vulneráveis socialmente demarcam os princípios da educação popular, e corroboram para a emancipação dos sujeitos possibilitando uma aceitação e sentimento de pertencimento da realidade, na qual estão inseridos. Portanto, as práticas pedagógicas, o diálogo a partir das rodas de contação de história levam o indivíduo a dizer a sua própria palavra (se reconhecer como sujeito social e histórico), a se reconhecer como sujeito que tem uma voz perante o que está vivenciando/conhecendo/experienciando.

Palavras-chave: Educação popular, Práticas educativas e Exclusão social

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco – Centro Acadêmico do Agreste - CAA, elifalety.nascimento@ufpe.br;

² Graduando do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco – Centro Acadêmico do Agreste - CAA, gabriel.bernardino@ufpe.br;

³ Graduando do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco – Centro Acadêmico do Agreste – CAA, ykaro.andrade@ufpe.br;

⁴ Doutorando do Curso de Ensino de Ciências da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, Professor no Núcleo de Formação Docente da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, prof.manuel.bandeira@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Desde o ano de 2020 o mundo tem enfrentado muitos percalços devido a pandemia do corona vírus. Com isso, o nosso país tem se deparado com inúmeras transformações econômicas, políticas, sociais e culturais. A pandemia tem causado várias mudanças impondo uma nova rotina na vida organizacional de alguns setores, entre eles a educação, a qual foi bastante afetada.

As organizações não governamentais também foram impactadas e os seus trabalhos que antes eram de forma presenciais passaram a se adaptar à nova rotina determinada pelos órgãos competentes. Isto é preocupante, pois algumas atividades de extrema importância como as educativas em centros educacionais como o CEPA, o qual através da educação popular orienta a população em diversos assuntos para o bem comum foi impactado com a nova realidade, principalmente agora em que crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade passam mais tempo em casa com os seus responsáveis e deixam de ser acolhidas com atividades educativas extraescolares.

O Centro de Educação Popular Assunção – CEPA é um espaço onde acolhe e atua no enfrentamento da exclusão social de crianças, adolescente e jovens, na cidade de Caruaru - PE. É uma organização sem fins lucrativos que presta serviço de interesse público e desenvolvimento social. A ONG tem como referência primária o importante esforço da comunidade religiosa, Irmãzinhas da Assunção, que chegaram à cidade no dia 5 de setembro de 1995. Atende em média 150 crianças e adolescentes das imediações e adjacências da localidade.

Em face disto, este exercício de pesquisa pretende oferecer reflexões para a seguinte pergunta: Diante do contexto pandêmico da covid-19, que práticas educativas o CEPA desenvolve a partir da educação popular para trabalhar o enfrentamento da exclusão social de crianças e adolescentes?

Assim, este trabalho objetiva identificar os princípios pedagógicos da educação popular utilizados no CEPA em seus projetos e elencar as suas práticas educativas. Onde através da análise categorial a temática será discutida e resultada.

Assim, refletir junto ao CEPA sobre as temáticas já citadas observamos uma aproximação de realidades sociais e comunitárias de crianças e adolescentes como políticas



públicas suplementares de dignidade, respeito e ética a desenvolvimento psicossocial, intelectual e humano de indivíduos considerados vulneráveis socialmente.

METODOLOGIA

A nossa pesquisa foi pautada pelo método de caso alargado (SANTOS, 1983), pois possibilita a utilização de várias técnicas, evidencia os elementos estruturantes para a obtenção das respostas pretendidas. Está demarcada ao estudo da Organização Não Governamental, CEPA – Centro de Educação Popular Assunção. Escolhemos nos aprofundar sobre esta instituição pelo fato de identificarmos em sua trajetória de lutas um comprometimento com a prática educativa no seguimento popular, onde se aproxima com as classes mais vulneráveis e tem em seu propósito uma formação humanizada e valorização do outro em seus projetos sociais, além, do reconhecimento dos sujeitos a partir de sua realidade.

A pesquisa foi realizada através de encontro virtual devido ao contexto pandêmico, através da plataforma Google Meet, onde participamos de reuniões denominadas de Diálogos Remotos do Eixo Movimentos Sociais, promovido pela coordenação do curso de pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco, Campus Agreste, no dia 27 de outubro de 2021. Na ocasião, a coordenadora do CEPA, durante 2h, apresentou a sua trajetória, os seus projetos e a sua dimensão educativa. Onde obtivemos os dados empíricos para situarmos nossa pesquisa frente a teoria e a prática. Como fontes de informação privilegiada a representante do CEPA, na pessoa da Ms. Delma Evaneide Silva, a qual participou do Diálogo Remoto nos trouxe informações, relatos e experiências vividas na organização. A participante é coordenadora dos projetos sociais da organização.

A técnica escolhida para a obtenção dos dados foi a entrevista semiestruturada (MINAYO, 2010), além da pesquisa bibliográfica (SOUZA, 2021), por ser primordial na construção da pesquisa científica. A sistematização de dados foi aplicada via análise temática ou categorial (FRANCO, 2008) onde possibilitou a discussão e a construção do conhecimento a partir de uma ótica descritiva e reflexiva nos temas transcritos.

REFERENCIAL TEÓRICO

EDUCAÇÃO POPULAR

Para compreender a educação popular é necessário primeiramente fazer uma leitura do cenário em que ela foi introduzida em nosso país. A educação até o final dos anos 60 foi marcada por concepções e currículos voltados para atender a classe dominante num contexto

de capitalismo industrial onde o ensino transmitido e assimilado girava em torno das habilidades que atendessem o mercado. Ou seja, uma educação científica, tecnicista e com centralidade na burocracia. Essa proposta também estabelecia que as massas fossem “educadas”, porém com o objetivo final de controle social para movimentar a economia e consequentemente gerar uma sociedade do consumo. Podemos verificar a partir de Paludo que:

Conectado e esse contexto mais amplo, o Brasil e também a América Latina, entre os anos 1960 até meados de 1990, originaram ideias e propostas em educação que se tornaram mundialmente conhecidas. No Brasil, nesses anos, foi notável o desenvolvimento da concepção de educação popular. (PALUDO, 2015, p. 246)

Percebe-se, então, que havia uma compreensão de que a educação deveria atingir dimensões outras, que fosse um objeto de lutas de classes populares por uma autonomia social, política e cultural. Esta seria direcionada para aqueles que realmente careciam de uma emancipação e liberdade: o povo, como infere Gadotti:

A Educação Popular se constitui de um grande conjunto de teorias e de práticas que tem em comum, nas diversas partes do mundo, o compromisso com os mais pobres, com a emancipação humana. São perspectivas razoáveis, sérias, fundamentadas, cotejadas constantemente com a dureza das condições concretas em que vive a maioria da população. Todas elas refletem a recusa à uma educação domesticadora ou que, simplesmente, não se coloca a questão de que educação precisamos para o país que queremos. (GADOTTI, 1992, p. 3)

Para este autor as teorias e as práticas da educação popular deveriam ir para além do que era posto, mas em direção daqueles que vivem em condições precárias e que são obrigados a receber um conhecimento onde não se reconhecem como sujeitos e que dista da sua realidade. Sendo dessa forma, levados a assimilar o que lhes impõe impossibilitando um reconhecimento de seu ambiente e consequentemente de sua identidade como indivíduos históricos e culturais.

Essa questão da centralidade da educação no sujeito como protagonista da construção do seu próprio conhecimento, a partir de suas vivências e de seu contexto, é também o pensamento da pedagogia freireana, a qual muito contribui para a educação popular. Freire, enxergava no outro um conjunto de saberes, uma cultura, crenças, uma possibilidade para a vida democrática a partir de uma educação como prática de liberdade. Por isso, ele nos inclina a pensar em:

Como aprender a discutir e a debater com uma educação que impõe? Ditamos ideias. Não trocamos ideias. Discursamos aulas. Não debatemos ou discutimos temas. Trabalhamos *sobre* o educando. Não trabalhamos *com* ele. Impomos lhe uma ordem a que ele não adere, mas se acomoda. Não lhe propiciamos meios para o pensar autêntico, porque recebendo as fórmulas que lhe damos, simplesmente as guarda. Não as incorpora porque a incorporação é o resultado de busca de algo que exige, de quem o tenta, esforço de recriação e de procura. Exige reinvenção. (FREIRE, 1967, p. 97)

A partir dessas reflexões nota-se uma ruptura do sistema formal de educação centrado nos interesses econômicos propostos pelo capital através do sentido e objetivo da educação popular com suas práticas sociais e com o saber popular. Isto é, uma *práxis* a partir do povo e articulado com o que é da comunidade para além dos muros da escola. Dessa forma, se constrói um conhecimento emancipatório capaz de revelar uma problematização reflexiva e dialógica.

PRÁTICAS EDUCATIVAS

Desde os primórdios da civilização humana, o homem vem desenvolvendo uma maneira de disseminar seus conhecimentos e normas de comportamentos para as gerações posteriores. Seja, esses, maturados pelos mais velhos, por grupos de caça, por instinto de sobrevivência, por regras sociais, trabalho, não importa, a humanidade aparenta necessitar desse emaranhado de conhecimentos para sobreviver.

Em outras palavras, esse processo de disseminar/compartilhar/imortalizar conhecimentos aprendidos e/ou desenvolvido, é o que hoje conhecemos por educação. E é em meio as várias formas educativas que são desenvolvidas as práticas educativas, essas, têm como objetivo principal inserir o indivíduo na cultura na qual ele nasce. Sabendo disso que concordamos com LIBÂNEO quando afirma que:

A educação – ou seja, a prática educativa – é um fenômeno social e universal, sendo uma atividade humana necessária à existência e ao funcionamento de todas as sociedades. Cada sociedade precisa cuidar da formação dos indivíduos, auxiliar no desenvolvimento de suas capacidades físicas e espirituais, prepará-los para a participação ativa e transformadora nas várias instâncias da vida social. (2003, p.15)

Assim, entendemos que a prática educativa assume a principal ação da educação que é proporcionar estratégias, metodologias, espaços, meios, para que esses indivíduos possam se desenvolver fisicamente, psicologicamente e socialmente. Compreendemos que a educação não detém apenas uma prática educativa, mas sim, de “práticas” que se dão nos mais variados espaços sociais, desenvolvendo-se na relação que o indivíduo estabelece com outros indivíduos, com o mundo e consigo mesmo.

Dessa maneira, concordamos com LIBÂNEO quando afirma que:

[...] a prática educativa existe em uma grande variedade de instituições e atividades sociais decorrentes da organização econômica, política e legal de uma sociedade, da religião, dos costumes, das formas de convivência humana. Em *sentido estrito*, a educação ocorre em instituições específicas, escolares ou não, com finalidades explícitas de instrução e ensino mediante uma ação consciente, deliberada e planejada, embora sem separar-se daqueles processos formativos gerais. (2003, p.15)



É em meio aos mais variados espaços educativos que o indivíduo vai se constituindo como sujeito histórico. Entendemos, também, que a educação se dá nos mais variados espaços da sociedade. Ou seja, para além da escola, como espaço comumente associado como detentora de uma de um conhecimento formativo integral, entendemos que a Igreja, trabalho, mídia, dentre outros espaços também se constitui uma educação que produz uma certa prática educativa.

Tento em vista disso, Libâneo a afirmar:

Podemos falar da educação não formal quando se trata de atividade educativa estruturada fora do sistema escolar convencional (como é o caso de movimentos sociais organizados, dos meios de comunicação de massa etc.) e da educação formal que se realiza nas escolas ou outras agências de instrução e educação (igrejas, sindicatos, partidos, empresas) implicando ações de ensino com objetivos pedagógicos explícitos, sistematização, procedimentos didáticos. (2003, p.16)

Tendo em vista, a presença educacional existente em outras instituições que diferem da escola convencional, destacamos os movimentos sociais como um espaço de formação educativa, cidadã, política e de emancipação de sujeitos. Desse modo, reconhecemos que os movimentos comunitários também são espaços que desenvolvem práticas educativas, que muitas vezes se diferem das convencionais, geralmente adotadas pelas escolas.

Dessa maneira, concordamos com Streck (2006) quando afirma que:

Do ponto de vista das práticas educativas pode-se aprender muito com a forma como os movimentos lidam com os conflitos na sociedade circundante; com as suas estratégias para experienciar as continuidades e as rupturas. Pode-se aprender também a enraizar as práticas educativas na cultura ou nas culturas do lugar ou da região, colocando as perguntas sobre quem se é e quem se pretende ser e recompondo a memória. (p.105)

Destarte, tanto Libâneo, quanto Streck parecem concordar enquanto ao entendimento do conceito de prática educativa. Essa como sendo uma atividade que assume diversas maneiras de partilha dos saberes, assim como, desprendida de um único lugar instituído. Assim, as práticas educativas são permeadas por aspectos políticos, econômicos, culturais, filosóficos e metodológicos que se transformam ou se perpetuam com o passar dos anos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

OS PRINCÍPIOS DA EDUCAÇÃO POPULAR UTILIZADOS PELO CEPA EM SEUS PROJETOS: O CONTEXTO E A AUTONOMIA

A concepção de educação popular está pautada no compromisso com os mais vulneráveis e com a emancipação dos sujeitos através de práticas que possibilitem uma formação crítica e autônoma, com a valorização do outro a partir de sua realidade. A partir



disso, o CEPA em seus projetos desenvolve um trabalho pondo em evidência o contexto como um dos princípios fundantes para o trabalho da educação popular, como explica a coordenadora, Delma Evaneide, em sua participação no diálogo remoto:

[...]estamos vivendo numa realidade que não está desvinculada de um contexto. Então é preciso compreender esse contexto, o contexto como princípio fundante do trabalho. Compreendendo que o local e o global estão o tempo inteiro em conexões, com trocas interações. (COORDENADORA DELMA EVANEIDE, Diálogos remotos: 27/11/2021)

Desse modo, percebemos que na fala da coordenadora Delma Evaneide, o CEPA para desenvolver o seu trabalho está primeiramente preocupado em compreender o contexto articulado com a realidade e estes não podem ser pensados separadamente. Um depende do outro para haver conexões e interações. Em outras palavras, existe um elo com a realidade dos sujeitos.

Quando a coordenadora Delma Evaneide nos chama a atenção para a realidade, concordamos que é a partir desse contexto que a educação popular põe em relevo aqueles que são invisibilizados e terão a oportunidade de serem reconhecidos, pois quando se conhece como é a vivência dos sujeitos e como ele está inserido nela podemos nos posicionar de forma crítica, sendo de forma construtiva.

Outro princípio da educação popular que ficou explícito durante o diálogo remoto com a coordenadora Delma Evaneide, foi a questão da autonomia. Onde ela expôs a necessidade de promover o sentimento de fortalecimento de atuações das pessoas no espaço que elas ocupam, pois,

[...] são fundamentos da educação popular: o conhecimento crítico, a condição que as pessoas precisam ter de se reconhecerem no espaço que elas ocupam, quem elas são, para não estarem sendo ludibriadas, porque muitas ideologias são utilizadas pra nos desviarem com compreensões equivocadas de quem nós somos e de onde estamos. (COORDENADORA DELMA EVANEIDE, Diálogos remotos: 27/11/2021)

Desse modo, ratificamos a importância do trabalho de conscientização de identidades que o CEPA desenvolve junto à comunidade, pois possibilita a esta uma aceitação e emancipação dos sujeitos enquanto uma realidade e ideologias que venham a persuadir com concepções outras divergentes da que estes estão incluídos.

Além disso, dentro deste mesmo raciocínio ela faz uma importante observação acerca da construção das classes sociais, onde muitas vezes os indivíduos querem fazer parte de um universo que não lhe pertence, justamente por se deixarem ser convencidos por aqueles que detém o poder. Por isso, a necessidade de não se conformar com o que está sendo posto. E



essa não conformação só se dá através da consciência e da liberdade, como salienta a coordenadora Delma enfatiza:

É importa a gente saber de que lado a gente tá, em que momento a gente está, com quem a gente partilha, quais são os nossos parceiros e contra o que e contra quem a gente está lutando. E isso é tudo muito importante no processo pedagógico que se pretende, conscientizador e libertador. Porque se a gente não consegue acionar esse entendimento, a gente pode continuar com o comportamento de colonizado, sem fazer nenhum movimento de superação dessa condição. (COORDENADORA DELMA EVANEIDE, Diálogos remotos: 27/11/2021)

Assim, concordamos com o fato do CEPA se apropriar da educação popular como instrumento humanizador de uma práxis que promove a transformação dos sujeitos, a partir de uma reflexão crítica da realidade para uma condição de aceitação dentro desta e de intervenções para a conscientização para o fortalecimento de atuações na sociedade com o pensamento político e autonomia para a libertação e valorização daqueles que são vulneráveis e invisibilizados.

AS PRÁTICAS EDUCATIVAS DO CEPA: AS RODAS DE CONVERSA

Nos diálogos remotos ao entrevistarmos a coordenadora pedagógica do CEPA, Delma Evaneide, pudemos entender melhor quais são as práticas educativas desenvolvidas ali e quais as intencionalidades que às permeiam. Dessa maneira, a coordenadora Delma nos traz algumas experiências do fazer educativo no interior da educação popular e das instituições sociais.

Assim, ao ser questionada sobre quais as práticas educativas que são desenvolvidas no CEPA, a coordenadora responde:

As práticas educativas que a gente desenvolve, basicamente, são as rodas de conversa. Pois desde a educação infantil, a partir das contações de história, são rodas de conversa, porque as atividades estão o tempo todo voltada para a atuação das crianças e dos adolescentes, para que eles assumam esse protagonismo, que eles falem. (COORDENADORA DELMA EVANEIDE, Diálogo Remotos: 27/11/2021)

Essa fala da Coordenadora, é interessante pois realça uma prática pedagógica dialogal, na qual o sujeito é levado a dizer a sua própria palavra, a se reconhecer como sujeito que tem uma voz perante o que está vivenciando/conhecendo/experienciando. É provocante, quando ela menciona como primeira prática educativa a “contação de história”, pois essa está voltada para que o sujeito interaja com a história, que ele fale, infira e se utilize das suas vivencias para exercer um protagonismo naquilo que enuncia.

Ainda nesse fazer educativo, que visa estimular que as crianças assumam uma postura ativa e protagonista, a coordenadora comenta:



A maioria chega muito tímida, recatada, com dificuldade de se expressar, então, por exemplo, nós temos na educação infantil, a contação de história, como também, aulas de leitura de deleite. Essas leituras de deleite, são leituras que se leva para a sala de aula vários livros de história e as crianças escolhem qual o livro que querem ler naquele dia. Apesar de ainda não estarem alfabetizadas, elas fazem uma leitura a partir das imagens, então essa leitura das imagens é partilhada, porque a educadora vai, também, estimulando e participando dessa leitura. (COORDENADORA DELMA EVANEIDE, Diálogo Remotos: 27/11/2021)

Concordamos com a coordenadora Delma nesse aspecto, pois aí podemos ver outro tipo de prática educativa, o estímulo para uma escuta-ativa, pois apesar das crianças não estarem alfabetizadas, ainda, elas participam dessa leitura, fazendo uma leitura imagética. Um outro aspecto que podemos observar é que essas crianças estão tendo, possivelmente, a primeira oportunidade de ter alguém que leia para elas, logo, essa primeira experiência é enriquecedora, porque o(a) educador(a) estimula que esses sujeitos se atentem para os pontos essenciais para a compreensão do texto, assim como, pode despertar os encantamentos pela leitura.

A escolha do livro literário por parte das crianças é um ponto a ser destacado, também. Pois quando o sujeito é convidado a escolher um livro, ele também está escolhendo/experienciando qual gênero literário ele terá mais afetividade. Assim, ele pode desenvolver uma familiaridade por gêneros da fantasia, romance, ficção científica, fábula etc.

A coordenadora Delma, ao final de sua fala, traz à tona a maneira como as práticas educativas são elaboradas, dessa maneira ela comenta:

Então veja, é sempre a roda de conversa, o mote do desenvolvimento das atividades, mesmo que sejam diversas as atividades mas elas sempre estão focadas nessa conversa, nessa troca, nesse diálogo, então o diálogo, frequentemente falado por Paulo Freire, ele é o tempo todo trabalhado nas rodas de conversas, a fala-escuta respeitosa, a fala-escuta que acolhe o que o(a) outro(a) está trazendo, mas também, da contribuição de cada um que está falando, entendendo que os(as) educadores(as) são os “adultos da relação”, e por isso conduzem a discussão e a conversar é toda pautada nessa nesses princípios. (COORDENADORA DELMA EVANEIDE, Diálogo Remotos: 27/11/2021)

Para isso, concordamos com Delma, quando ela aponta para um trabalho coletivo, elaborado, planejado e dialogal. Dessa maneira, acreditamos que o fazer educativo ganha um caráter mais humano, indelével e democrático, uma vez que os vários sujeitos que fazem parte desse processo educativo participam. Ao dar a devida voz aos(as) educadores(as), entendemos que esses trarão relevantes contribuições para a elaboração de práticas educativas, pois são esses sujeitos que conhecem, de fato, as necessidades das crianças, tanto no âmbito educacional, social e psicológico.

Deste modo, a coordenadora Delma nos apresenta através de suas narrativas quais as práticas educativas são desenvolvidas no CEPA. Como esse fazer dialoga com os contextos

dos sujeitos que participam desse processo, de que maneiras os sujeitos são convidados a assumir um papel protagonista frente a suas vivências e de que maneira e por quem são elaboradas as atividades que serão vivenciadas no CEPA.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em resposta aos objetivos da pesquisa podemos dizer com relação a identificar os princípios pedagógicos da educação popular utilizados no CEPA em seus projetos, que essa organização tem como princípios fundantes a observação do contexto, pois, desenvolve o seu trabalho primeiramente se preocupando em compreender o contexto articulado com a realidade e estes não podem ser pensados separadamente. . Um depende do outro para haver conexões e interações. Em outras palavras, existe um elo com a realidade dos sujeitos.

Outro princípio da educação popular destacado pelo CEPA é a autonomia, onde existe a necessidade de promover o sentimento de fortalecimento de atuações das pessoas no espaço que elas ocupam, por meio do trabalho de conscientização de identidades que junto à comunidade, pois possibilita a esta uma aceitação e emancipação dos sujeitos enquanto uma realidade e ideologias que venham a persuadir com concepções outras divergentes da que estes estão incluídos.

No que diz respeito as práticas educativas do CEPA, observamos que estas são desenvolvidas a partir do olhar de cada realidade que coabita naquele espaço. Outro aspecto que podemos perceber é o caráter dialogal que estas têm, no qual os sujeitos são constantemente convidados a se posicionarem e assumirem um papel protagonista perante seu próprio contexto e identidade.

Elas têm uma particularidade muito interessante, pois é fruto de uma união de ideias, de campos de conhecimento e de vários sujeitos, que contribuem para que o trabalho a ser desenvolvido consiga alcançar as diversas necessidades dos sujeitos que ali estão. E nesse sentido a construção das práticas educativas do CEPA, ganham um caráter democrático e dialogal.

Sendo assim, evidenciamos que a educação popular está pautada no conhecimento que parte da realidade dos sujeitos, suas vivências, experiências, cultura, credo, raça; são elementos que possibilitam a construção de um saber popular e social com o pensamento crítico dentro do espaço que ocupa.

Ratificamos que quando o sujeito se reconhece naquilo que é exposto ele pode se posicionar e criticar porque faz parte daquele universo e por isso também a amplitude



sociopolítica da educação popular, a qual consiste num trabalho através de práticas comprometidas com os mais vulneráveis e invisibilizados, para a libertação e conscientização de ideologias opressoras. Um trabalho que abarca a formação e transformação humana a partir da educação problematizadora.

Por outro lado, como resultado ao questionamento do que seria as práticas educativas, elucidamos que se pauta no empoderamento dos sujeitos e na emancipação destes, frente o contexto que os cerca. Dessa maneira, essas práticas devem presar para que esses indivíduos assumam e se reconheçam nas ações que desempenha, assim como, naquela na qual estão inseridas.

Destarte, entendemos que cada instituição atrelada aos movimentos sociais assume uma postura muito específica dependendo da sua realidade, porém um “ponto nodal” característicos na produção das práticas educativas, desenvolvidas nessas instituições, é o seu caráter dialogal. Desta forma, as práticas educativas desenvolvidas em muitas instituições sociais para o enfrentamento da exclusão social, tem como pilar central a construção dialogal, uma vez que são consideradas a pluralidade dos sujeitos (educadores(as), estudantes, comunidade), que habitam e usufruem dos seus serviços.

E assim teremos nos aproximado de realidades sociais e comunitárias de crianças e adolescentes como políticas públicas suplementares de dignidade, respeito e ética a desenvolvimento psicossocial, intelectual e humano de crianças e adolescentes e suas respectivas famílias.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação popular**. Brasiliense, 2017.

DE SOUSA, Angélica Silva; DE OLIVEIRA, Guilherme Saramago; ALVES, Laís Hilário. A PESQUISA BIBLIOGRÁFICA: PRINCÍPIOS E FUNDAMENTOS. **Cadernos da FUCAMP**, v. 20, n. 43, 2021.

FRANCO, M. L. P. B. Análise de Conteúdo (Vol. 6. **Brasília: Líber Livro**, 2008.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade [Education as the practice of freedom]. **Rio de Janeiro: Paz e Terra**, 1967.

GADOTTI, Moacir. **Estado e educação popular**. Educação de Adultos em São, 1992.

GIL, Antonio Carlos. Como classificar as pesquisas. **Como elaborar projetos de pesquisa**, v. 4, p. 44-45, 2002.



GONDIM, Sônia Maria Guedes. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, v. 12, p. 149-161, 2002

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**/ José Carlos Libâneo – 2. Ed. – São Paulo: Cortez, 2003.

MINAYO, M. C. S. Técnicas de pesquisa: entrevista como técnica privilegiada de comunicação. In: _____. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010. p. 261- 297

PALUDO, Conceição. Educação popular e movimentos sociais. **Educação no Campo: um projeto de formação de educadores em debate**. Cascavel: EDUNIOESTE, p. 39-53, 2008.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Os Conflitos Urbanos no Recife: O Caso do "Skylab"**. In: *Revista Crítica*, nº 11, maio, p. 9-59. Coimbra: CES, 1983

STRECK, Danilo R. **Práticas educativas e movimentos sociais na América Latina: aprender nas fronteiras**. Série-Estudos-Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB, 2006